

Práticas Organizativas e Emoções: Contribuições para as Pesquisas sobre Organizações Culturais¹

Josiane Silva Oliveira

Resumo

A consolidação do campo dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais tem colocado o desafio de se pensar que, nas organizações, as práticas não somente produzem emoções, mas que as emoções são uma forma de engajamento prático com o mundo. Este entendimento possibilita desconstruir a dicotomia razão/emoção produzida nas análises organizacionais e compreender que as organizações também se constituem com base em suas práticas emocionais. Deste modo, a etnografia tem sido considerada como um dos principais métodos que viabilizam o trabalho de campo nas pesquisas, cujas práticas emocionais são consideradas como unidade de análise, por possibilitar o envolvimento direto do pesquisador com o campo de pesquisa. Estes debates podem ser profícuos nos estudos sobre as organizações culturais e artísticas, especialmente pela discussão dos efeitos das práticas emocionais no processo criativo e organizativo dos artistas, bem como no entendimento de um cotidiano de trabalho que se constitui com base em múltiplas localidades e deslocamentos socioespaciais. Neste artigo, realizamos um estudo etnográfico multissituado em dois circos contemporâneos, um brasileiro e outro canadense, destacando como as práticas emocionais constituem a política emocional do organizar destas organizações culturais.

Palavras-chave

Práticas. Emoções. Práticas Emocionais. Etnografia. Circo.

Abstract

The consolidation of Practice-Based Research (EBP) in Organizational Studies has put the challenge of thinking that, in organizations, practice not only produces emotions, but emotions are a form of practical engagement with the world. This understanding enables the deconstruction of the reason/emotion dichotomy produced in organizational analysis and the understanding that organizations are also based on their emotional practices.

Thus, ethnography has been considered as one of the main methods that enable field work in research, whose emotional practices are considered as the unit of analysis by allowing the direct involvement of the researcher and the research field. These debates can be fruitful in studies on cultural and art organizations, especially the discussion on the effects of emotional practices in creative and organizational situation of artists as well as the understanding of a work routine that is based on multiple locations and socio-spatial displacements. In this article, we conducted a multi-located, ethnographic study in two contemporary circuses, one Brazilian and the other Canadian, highlighting how emotional practice is the emotional policy of organizing in these cultural organizations.

Keywords Practices. Emotions. Emotional Practices. Ethnography. Circus.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir como as relações entre as práticas cotidianas e as práticas emocionais constituem a política emocional dos processos organizativos. Para tanto, inicialmente, apresentamos o campo de Estudos Baseados em Práticas (EPB) nos Estudos Organizacionais, destacando a “prática” em uma perspectiva epistemológica de análise organizacional, conforme discutem Schatzki (2006) e Feldman e Orlikowski (2011).

Tendo como base os debates de Lutz e Abu-Lughod (1990) e Álvarez (2011) de que as emoções são práticas políticas, aproximamos estas discussões à área de Administração, postulando um deslocando dos debates do conceito de emoções na área da Administração de uma perspectiva individual e psicológica para destacar sua produção sociocultural e articulada com as relações de poder que constituem a sociedade. Sendo assim, propomos colocar em debate o entendimento de que as relações entre as práticas cotidianas e as práticas emocionais formam a política emocional do “organizar”. É preciso destacar que não há uma dualidade entre as práticas cotidianas e as práticas emocionais, mas estamos destacando as práticas emocionais como unidade de análise central neste estudo e articulando estas aos outros tipos de práticas que constituem as organizações. Portanto, compreendemos as práticas emocionais como sendo produções socioculturais.

O contexto da pesquisa de campo foi as organizações culturais, especificamente os circos contemporâneos. Considerada uma arte milenar, as artes circenses têm apresentado alterações em suas práticas organizacionais, historicamente pautadas na tradição familiar, visto que, nos últimos anos, sujeitos não formados no campo das artes têm ingressado nestas organizações, reformulando seus processos organizativos. Para a compreensão desta dinâmica, a escolha metodológica do estudo foi a etnografia multissituada, realizada entre os anos de 2011, com um circo no Brasil, e 2013, no contexto canadense.

Para a apresentação dos debates propostos neste texto, o artigo está estruturado em sete seções, incluindo estas considerações iniciais. A próxima seção do artigo é dedicada aos debates sobre os EBP nos Estudos Organizacionais, seguida das discussões sobre o entendimento das emoções como práticas políticas. A quarta seção do artigo é focada na proposição teórica da política emocional do “organizar” para que seja possível compreender os debates da seção metodológica sobre a escolha da etnografia multissituada como estratégia de pesquisa. Na sexta seção do trabalho, apresentamos alguns aspectos de desenvolvimento do trabalho de campo com os circos brasileiro e canadense e, ao final, destacamos as contribuições dos debates aqui propostos para as análises das organizações culturais, bem como desdobramentos metodológicos para futuras pesquisas.

ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICAS NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A “virada prática” nos Estudos Organizacionais, destacada por Schatzki (2006), possibilitou a constituição de um campo de pesquisas polifônico na área de Administração, cujo objetivo é a compreensão de como as organizações “acontecem”. Entretanto, este campo de estudos não pode ser unificado, pois o conceito e a concepção das proposições metodológicas de apreensão da “prática” diferem tanto em termos de concepção epistemológica quanto de desenvolvimento de pesquisas de campo (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Considerando os EBP como uma epistemologia e uma ontologia (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011), a teoria das práticas tem por objetivo compreender como as ações dos sujeitos reproduzem e/ou alteram a sociedade, deslocando a centralidade dos sujeitos e das estruturas nas análises das organizações. O primado ontológico da prática, isto é, que as práticas são fundamentais para a produção da realidade social, é o aspecto focal de agenda destas pesquisas (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). A construção deste campo de estudos na área de Administração tem sido realizada com base nas contribuições teóricas advindas de pesquisadores de outras áreas das ciências sociais e humanas, como, por exemplo, Theodore Schatzki, da Filosofia.

Schatzki (2003) afirma que as práticas são os “ditos” e “feitos”, ou as “maneiras de dizer e de fazer” na concepção de Certeau (2008), dos sujeitos sociais e raramente formam fronteiras bem delimitadas devido ao seu caráter processual. As práticas produzem os contextos sociais, a exemplo dos locais de trabalho, formando lugares/locais constituídos por nexos das práticas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2006). As organizações são entendidas como arranjos-práticos situados sócio-historicamente (SCHATZKI, 2006).

Inicialmente, Schatzki (2006) destaca três fenômenos essenciais para a compreensão de como as organizações “acontecem”, por meio das práticas: (1) as ações que constituem as práticas; (2) as regras ou diretivas explícitas destas ações; (3) a estrutura teleológica-afetiva que engloba a dimensão emocional das práticas. As ações que constituem as práticas referem-se ao conhecimento das atividades a serem realizadas e às formas de negociações de sua execução (SCHATZKI, 2006). Isto, porque, para Certeau (2008), por exemplo, no cotidiano, pode ocorrer uma inversão dos usos do conhecimento sobre determinada

atividade, inclusive nos locais de trabalho. Esta inversão diz respeito às articulações entre as regras explícitas e as negociações (SCHATZKI, 2006) que formam os jogos políticos pautados nas relações de forças entre os sujeitos sociais para a realização de determinadas ações. Os jogos políticos formulam as regras dos “lances” e constituem os esquemas de ações das práticas (CERTEAU, 2008), os quais, por não terem receptáculos físicos, produzem espacialidades e, portanto, a natureza de sua constituição é sempre relacional (SCHATZKI, 2006). A estrutura teleológica-afetiva remete às combinações dos elementos que subjetivam os sujeitos sociais no engajamento prático com o social, e não necessariamente está ligada à intencionalidade da ação (SCHATZKI, 2006).

Schatzki (1996) apresenta dois tipos de “formalidades” das práticas: dispersas e integrativas. As práticas dispersas caracterizam-se pela efemeridade, a exemplo de descrever ou imaginar, e se constituem para a compreensão de algo. Normalmente, destaca Schatzki (1996), as práticas dispersas apresentam três componentes: atos que compõem as ações (descrever, ordenar, por exemplo); identificação e atribuição das ações como relacionadas com outros casos; e os atores que respondem ou incitam uma ação. As práticas dispersas não apresentam regras ou uma estrutura teleológica-afetiva, pois são efêmeras e não respondem a um domínio específico da sociedade.

As práticas integrativas são complexas e formam um domínio específico da vida social, a exemplo das práticas de negócios (SCHATZKI, 1996). Para descrever este processo, o exemplo de Schatzki (2005) é sobre as práticas educativas nos Estados Unidos. As ações que compõem estas práticas são ensinar, orientar, supervisionar, conduzir pesquisas, utilizar componentes eletrônicos, realizar tarefas administrativas. As regras destas práticas compreendem as instruções normativas da instituição, os currículos escolares, calendário de exames, por exemplo. Já a estrutura teleológica-afetiva compreende a educação dos alunos, as avaliações e contribuições dos alunos para o desenvolvimento das atividades, os resultados das pesquisas e a aceitabilidade do uso de equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades (SCHATZKI, 2005).

As organizações são fenômenos sociais processuais constituídas pelas práticas. Portanto, nas análises organizacionais, não é possível definir *a priori* a “organização”, sendo esta constituída com base em suas redes de práticas e espacialidades. Por isso, na perspectiva de Schatzki (2005), deve-se considerar, por exemplo, as operações que compõem as atividades do fenômeno analisado, como e com quem os sujeitos interagem, o trabalho em conjunto, os eventos e a materialidade mobilizada para as ações sociais. Para Schatzki (2005), a primeira tarefa central para compreender uma organização é identificar as ações que compõem os fenômenos analisados e que podem ser desenvolvidas em diferentes espaços sociais. É o que Certeau (2008) denomina de estilos de ação.

A segunda etapa é identificar os arranjos de práticas produzidos por estas ações, ou seja, os elementos que elas mobilizam de forma a constituir uma formalidade. A terceira tarefa é compreender outras redes de práticas que estão intimamente ligadas às redes que constituem a organização. Por fim, a proposição de Schatzki (2005) é compreender o percurso dessas redes de práticas nas quais são mobilizados humanos, não humanos,

subjetividades, materialidades, tecnologias, dentre outros elementos que possibilitem às organizações acontecerem, a partir destas diversas redes de relações. Esta proposição de análise das organizações de Schatzki (2005) é análoga às discussões de Cerneau (2008, p. 175) quando este autor afirma que, nos estudos sobre práticas, deve-se compreender os “procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveria levar a uma teoria das práticas cotidianas do espaço vivido”.

Sendo assim, esta abordagem de pesquisas das práticas nos Estudos Organizacionais destaca a necessidade de compreensão da subjetividade de forma não separada da materialidade no espaço organizacional vivido pelos sujeitos sociais. Não obstante, os EBP apresentam alguns silenciamentos teóricos em relação a conceitos de análises organizacionais. Um exemplo é o entendimento de como as emoções podem ser entendidas como um conceito de análise das organizações, o qual se constitui enquanto um fenômeno social, e não somente como uma dimensão de análise das práticas, como bem discute Schatzki (2006), por exemplo.

Ao destacar a dinâmica processual e prática das organizações, especialmente por meio do entendimento da dinâmica política das mesmas, os EBP desconstróem o entendimento das organizações como sendo espaços exclusivamente racionais, possibilitando (re)integrar o conceito de emoções às análises organizacionais. Para compreender como a aproximação dos EBP com os estudos sobre as emoções podem contribuir à área de Administração, na próxima seção deste artigo, apresentamos os debates sobre a dimensão política emocional (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990).

EMOÇÕES COMO PRÁTICAS POLÍTICAS

Na área de Estudos Organizacionais, apesar de um amplo campo de estudos sobre as emoções ter sido desenvolvido (SIEBEN; WETTERGREN, 2010; FINEMAN, 2000), estes estudos têm sido focados em temas a exemplo da criatividade (AMABILE *et al.* 2005), estratégias (LIU; MAITLIS, 2013), gênero (ESSERS, 2009; ALVESSON; BILLING, 1997), sem, contudo, ter aberto discussões em relação às práticas organizativas.

Na concepção de Reckwitz (2013), esse silenciamento ocorre, pois as emoções são consideradas essencialmente como fenômenos individuais ou de manifestação psíquica dos sujeitos, sendo, portanto, passíveis de serem submetidas ao controle organizacional, assim como os próprios indivíduos são controlados. Para avançar teoricamente nesses debates, a proposição de Reckwitz (2013) é realizar a aproximação dos estudos praxeológicos com as pesquisas sobre as emoções. O referido autor afirma que, nos espaços sociais, uma “cultura afetiva” ou “emocional” pode ser compreendida como sendo um conjunto de práticas sociais que formam um padrão de ação reconhecível. Sendo assim, Reckwitz (2013) afirma que cada complexo de práticas sociais produz seus “espaços afetivos”.

Um estudo que buscou refletir sobre a produção das emoções nas organizações foi de Mumby e Potnam (1992). Os referidos autores afirmam ter realizado uma leitura feminista pós-estruturalista do conceito de racionalidade limitada de Hebert Simon, afirmando

a não existência de uma racionalidade pura e destacando que este conceito se pauta em suposições masculinas que excluem modos alternativos de organização. Os referidos autores apresentam então o conceito de emocionalidade limitada definido como um modo de organizar alternativo, no qual cuidado, comunidade e apoio suportam as dinâmicas inter-relacionais para moldar a experiência organizacional (MUMBY; POTNAM, 1992).

O termo “limitada”, para Mumby e Potnam (1992), é utilizado no sentido de incorporar as limitações intersubjetivas ou as restrições de se viver em comunidade e possibilita aos indivíduos reconhecerem a subjetividade de outra pessoa para a produção da inter-relação. Ainda, para os referidos autores, a emocionalidade limitada possibilita aos objetivos organizacionais, às hierarquias e aos valores serem flexíveis. Com isto, apesar de destacar a importância das emoções para as análises organizacionais, Mumby e Potnam (1992) ainda consideram as organizações como entidade fixas e sua existência pautada no alcance de objetivos claros, conforme critica Czarniawska (2013) nos estudos sobre os processos organizativos.

É no texto de Álvarez (2011) que as emoções podem ser consideradas como base para o entendimento das diferentes formas de organização para o trabalho, atuando como práticas políticas de experiências incorporadas. A base para esta proposição teórica de Álvarez (2011) é o entendimento dos debates de Lutz e Abu-Lughod (1990) de que é necessário desconstruir as emoções como fenômenos individuais e evidenciar sua constituição com base nas relações de forças da sociedade.

Lutz e Abu-Lughod (1990) propõem compreender as emoções a partir de uma abordagem que elas denominam de contextualista no sentido de discutir os processos sociais pelos quais as emoções são produzidas, reproduzidas e “usadas” no cotidiano. Neste sentido, Alvarez (2011), em estudo etnográfico na Argentina, evidencia como a construção coletiva de demandas em um processo de recuperação de uma fábrica por trabalhadoras implicou em um processo de constituição da experiência emocional destes sujeitos em práticas organizativas. De acordo com a referida autora, na dimensão coletiva, as emoções configuram-se como práticas políticas ao se constituírem em meio a um jogo de relações afetivas que objetivam as experiências sociais dos sujeitos, portanto, sendo construções socioculturais subjetivas e materiais.

Coelho (2010), também pesquisando na área da Antropologia com base nos pressupostos de Lutz e Abu-Lughod (1990), realizou uma pesquisa sobre violência nos centros urbanos, debatendo como as práticas emocionais estão articuladas com diferentes formas de clivagens e de reprodução da estrutura social em nosso cotidiano de vida. Com base nos relatos de sujeitos que passaram por experiências de violência urbana, Coelho (2010) destaca que as descrições sobre os assaltos foram remetidas à noção da violência como “pobreza” e “desordem”, caracterizando a criminalidade à privação material e aos negros. Ou seja, nas situações de violência estudadas por Coelho (2010), questões de classe e de raça da estrutura social brasileira são reproduzidas por meio de práticas discursivas emocionais. A referida autora ainda destaca que as emoções, no contexto da violência urbana, foram associadas à responsabilização emocional dos sujeitos por suas ações, eximindo os condicionamentos da

dinâmica macrossocial na constituição destes problemas sociais.

Sendo assim, não devemos questionar o que é esta ou aquela emoção em determinados espaços organizacionais, determinando a existência de um lócus de sua operação. Relevante seria questionarmos: Que processos de organização social as emoções produzem? Em resposta a este tipo de questionamento, será possível compreender práticas de “falar”, “expressar” e/ou incorporar o “sentir” de maneira a objetivar a produção das subjetividades.

É necessário compreender que as emoções são práticas sociais que, no cotidiano, são articuladas com a ampla escala de organização das relações de poder na sociedade (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990). Sem esta reflexão, conforme discute Scheer (2012), limitar-nos-emos ao entendimento de que as emoções são uma dimensão das práticas ou que nossas práticas sociais são carregadas de aspectos emocionais de nossas individualidades e não o entendimento das práticas emocionais.

A partir do entendimento de que as emoções são práticas políticas – portanto, se configurando como produções socioculturais como outras práticas sociais, a exemplo de caminhar pela cidade – e articulando esta proposição teórica aos debates dos EBP de que as organizações se constituem com base em suas práticas organizativas, é possível realizar um deslocamento dos debates sobre o conceito de emoções na área de Administração, a qual tem sido centrada nos debates cujo foco de análise são os indivíduos, e destacar as relações de forças que produzem e reproduzem a dinâmica emocional nas organizações.

Isso possibilita desvelar o silenciamento teórico das práticas emocionais na constituição das relações de trabalho, porém, não de forma polarizada em relação às racionalidades, mas a partir do entendimento de que a subjetividade emocional constitui nossas práticas cotidianas. Este entendimento possibilita desconstruir a dicotomia razão/emoção produzida nas análises organizacionais e compreender que as organizações também se constituem com base em suas práticas emocionais, as quais, ao serem articuladas às outras práticas cotidianas organizacionais, constituem a política emocional organizacional.

PRÁTICAS EMOCIONAIS E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: DESENVOLVENDO A POLÍTICA EMOCIONAL DO “ORGANIZAR”

O entendimento de que o cotidiano organizacional é concebido a partir, essencialmente, das racionalidades relegou às emoções debates com base em seu caráter individual, cognitivo e motivacional na área de Administração (RECKWITZ, 2013), portanto, pertencente ao domínio privado da vida dos sujeitos. Com efeito, as emoções deveriam ser passíveis de controle organizacional para que o privado não se sobrepusesse sobre o caráter coletivo das organizações.

Emoções e organizações são processos construídos coletivamente, nos quais as dimensões históricas, socioeconômicas e contextuais são elementos essenciais em sua formação. Neste ponto, é possível compreender que as práticas emocionais têm a capacidade de mobilização de diferentes espaços organizacionais em um processo de construção política que também se

configura como emocional, consistindo, ainda, nas articulações delineadoras da legitimidade das demandas organizacionais.

Ao aproximarmos o campo dos EBP às discussões sobre as emoções como práticas políticas, estamos destacando aos Estudos Organizacionais a importância de se discutir um avanço nos debates ontológicos sobre as organizações. Para além do entendimento dos processos de racionalização que constituíram as burocracias organizacionais, é preciso considerar as práticas emocionais que produzem, reproduzem e sustentam nosso cotidiano de trabalho.

As práticas emocionais, ao atuarem como dispositivos de processos subjetivos e materiais na sociedade, postulam mecanismos de objetivação de mobilização social. Estas podem se configurar tanto como mecanismos de clivagem e reprodução das condições de existência da sociedade (COELHO, 2010), como de ações de protestos frente à conjuntura socioeconômica (ÁLVAREZ, 2011). Por isso, as práticas emocionais impetram processos de organização dos sujeitos no cotidiano de trabalho.

Sendo assim, é possível compreender a existência de uma política emocional organizacional (OLIVEIRA; CAVEDON, 2015), ou seja, a articulação entre as práticas organizativas e as práticas emocionais que constituem o cotidiano de trabalho dos sujeitos sociais. Para discutir as diferentes formas de operacionalização desta proposta teórica no desenvolvimento da pesquisa de campo, na próxima seção deste artigo, apresentamos o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica no campo artístico do circo.

AS POLÍTICAS EMOCIONAIS DO “ORGANIZAR”: ETNOGRAFANDO O CAMPO DAS ARTES DO CIRCO

Para o debate sobre a constituição da política emocional do organizar, o campo de pesquisa utilizado para as discussões neste artigo é o circo contemporâneo. A escolha deste objeto de estudo possibilita-nos a desconstrução do trabalho dos artistas ou dos profissionais que atuam em organizações culturais como sendo essencialmente um “trabalho emocional” e/ou em oposição à dimensão racional de organização para o trabalho.

Consideradas como sendo manifestações artísticas milenares, as artes circenses são produzidas enquanto objeto de estudo organizacional a partir de sua constituição por meio de circos (PARKER, 2011), especialmente a partir de sua reconstrução histórica com base no período da Revolução Industrial (PARKER, 2011). Entretanto, é a partir da década do recorte temporal com base nos eventos de 1960 que debates sobre a constituição do circo contemporâneo têm sido empreendidos (GARCIA, 2011). De acordo com Garcia (2011), a partir de 1960, houve uma crise no processo de organização dos circenses devido ao crescimento da indústria do cinema e dos festivais de grandes espetáculos. Os artistas e demais sujeitos envolvidos com estas organizações culturais iniciam um processo de incorporação da dramaturgia cênica nos espetáculos como forma de sobrevivência de mercado (GARCIA, 2011).

O processo de divisão do trabalho passa a ser desenvolvido semelhante ao do teatro, tendo

como uma das principais características a autonomia do diretor em cena (GARCIA, 2011). Assim sendo, tem-se um processo de separação entre criação e interpretação na produção dos espetáculos circenses que não se observava até então nestas organizações culturais (GARCIA, 2011). Esta tensão da divisão do trabalho articula-se, neste contexto, com a formação de escolas de profissionalização dos artistas circenses, rompendo com os processos de aprendizagem centrados em técnicas autodidatas e na transmissão oral (FAGOT, 2010). A “nova geração” de circenses nas escolas profissionais é um ponto central de transformação do circo, pois eles praticam suas técnicas principalmente em escala local, em diferentes espaços que não o da lona ou teatros, às vezes, em seus próprios apartamentos, ou seja, no contexto urbano das cidades (GARCIA, 2011; FAGOT, 2010).

Esse movimento de constituição do campo artístico do circo contemporâneo ocorreu de forma global, sendo que alguns países têm se destacado por uma maior intensidade de sua formação devido a fatores locais, a exemplo do Canadá e do Brasil. Deste modo, para que fosse possível compreender a formação desta cadeia global artística era necessário o desenvolvimento de procedimentos metodológicos que possibilitassem o alcance empírico e teórico da proposta de estudo construída.

No Brasil, a pesquisa foi desenvolvida com um circo de origem gaúcha com sede na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul), fundado durante a década de 1980 por um grupo de amigos praticantes da ginástica artísticas e de teatro. Com aproximadamente trinta anos de existência, o circo é formalmente constituído em um modelo associativo, possui três espetáculos em cartaz e já foi tombado como patrimônio cultural gaúcho. Para a compreensão de como as práticas de organização dos circenses em estudo são articuladas às suas práticas emocionais na constituição da organização, a estratégia metodológica inicialmente utilizada foi a etnografia, desenvolvida entre os meses de março e dezembro do ano de 2011.

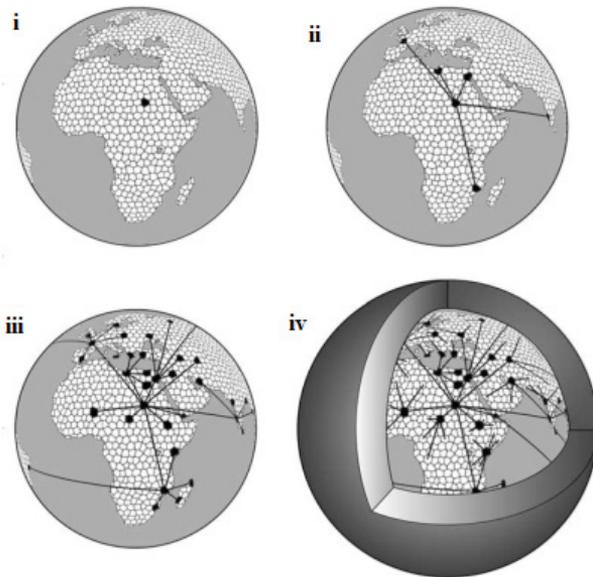
Durante a realização da etnografia, conforme preconiza o método etnográfico (CLIFFORD, 2008), as observações participantes resultaram na produção de 70 diários de campo que evidenciaram as influências do modo de fazer circo canadense na constituição do processo organizativo do circo contemporâneo estudado. Estas relações ocorriam tanto no sentido mercadológico, pois os produtos relacionados aos circos do Canadá, a exemplo de DVD, eram comercializados na cidade, ou pela influência das técnicas de execução das acrobacias pelos circenses brasileiros. As entrevistas de histórias de vida realizadas com os 32 artistas circenses pesquisados também destacaram a mobilidade de artistas entre os dois países.

Nesse contexto, foi possível observar que a proposta de estudo do circo contemporâneo não poderia ser restrita à dinâmica do território brasileiro, sendo necessária a extensão do estudo ao contexto canadense. Este foi, então, o primeiro desafio metodológico que se colocava à pesquisa para que fosse possível operacionalizar em campo a proposta de entendimento da política emocional do organizar dos circenses.

Seguir a “rede de práticas” do circo poderia resultar na descaracterização etnográfica da pesquisa realizada até o momento, pois poder-se-ia esvaziar o texto final do trabalho de campo de uma descrição densa do campo em estudo (CLIFFORD, 2008). Naquele momento, optamos pela utilização do método etnográfico multissituado (ver Figura 1),

apresentado por Marcus (1995; 1999), como forma de etnografar redes de práticas em contextos culturais difusos ou que se caracterizam pela formação de uma cadeia global de produção. Seguimos a rede de práticas circenses e iniciamos o estudo no contexto canadense.

Figura 1 – Representação da etnografia multissituada



Fonte: Adaptado de Cooke, Laidlaw e Mair (2009)

Marcus (1999) afirma que nas etnografias multilocalizadas, o desenvolvimento do trabalho de campo é diferenciado nos contextos estudados e constituído a partir das dinâmicas locais. Para a realização da pesquisa no Canadá, foi necessário o desenvolvimento de uma “rede” de interlocutores que possibilitasse a entrada e a permanência da pesquisadora em campo. Deste modo, inicialmente, foram entrevistados os gestores das três organizações canadenses que atuam na estruturação do campo circense canadense, cujo roteiro de entrevistas foi estabelecido com base em cinco temáticas principais: (1) a história do circo em Montreal; (2) as fontes de financiamentos do circo canadense; (3) os programas de fomento às artes do circo; (4) a participação do Estado e de empresas no fomento às atividades das organizações; (5) as principais companhias circenses canadenses.

As análises destas entrevistas permitiram a identificação de dez companhias de circo contemporâneo, sendo que foi possível a realização de entrevistas com sete destes circos. Com os gestores dos circos, o roteiro de entrevistas enfatizava quatro aspectos sobre o circo no Canadá: (1) descrever a história de constituição do circo; (2) descrever a participação da trupe circense em organizações profissionais relacionadas a circo; (3) discorrer sobre o processo de entrada no mercado artístico; (4) descrever a participação do Estado no campo das artes circenses. As interpretações destas duas fases de realização de entrevistas possibilitaram-nos o reconhecimento do circo com maior influência política no contexto canadense, no qual foi realizada a etnografia da produção de um espetáculo na cidade de Montreal.

A organização canadense pesquisada foi fundada no início dos anos 2000 por sete artistas de circo que já atuavam em grandes companhias circenses naquele país. Atualmente, a companhia possui 11 espetáculos de circo produzidos e é considerada pela crítica artística internacional como (re)inventores do circo contemporâneo por enfatizar, em suas produções, a constituição do sujeito no contexto urbano contemporâneo. A pesquisa etnográfica no Canadá foi realizada entre os meses de janeiro e setembro do ano de 2014, totalizando 35 diários de campo, complementados com uma entrevista semiestruturada com o diretor artístico do circo sobre as práticas de organização da trupe em estudo.

A POLÍTICA EMOCIONAL DE ORGANIZAÇÃO DOS CIRCOS NO CONTEXTO BRASIL-CANADÁ

A pesquisa realizada destacou as emoções como fenômeno político do processo organizativo dos circenses, constituindo-se com base em uma dimensão prática, conforme discutem Lutz e Abu-Lughod (1990). A “paixão” pela arte foi destacada pelos artistas circenses brasileiros e canadenses como principal categoria de sustentação de seus cotidianos de trabalho. As emoções não seriam, portanto, fenômenos individuais ou dimensão das práticas sociais. A “paixão” pela arte estabelecia-se a partir de “maneiras de fazer e de dizer” (SCHATZKI, 2006) circo, as quais, articuladas às outras práticas cotidianas, constituíam a dimensão política de organização dos circenses, não somente no limite do cotidiano de trabalho artístico, mas de mobilização para a formação e sustentação de um campo social, um campo de práticas sociais.

Para discutir como as práticas emocionais se articulam com as práticas cotidianas na construção do circo, elencamos como evento de análise a inauguração do primeiro centro de treinamentos da organização estudada no Brasil. No início dos anos 2000, o circo alugou um galpão, situado na região portuária da cidade, e adquiriu equipamentos específicos para aprendizagem das técnicas circenses pelos artistas formados na organização, bem como das crianças e adolescentes que frequentavam a escola de circo formada pelos artistas, como pode ser observado no seguinte relato:

Uma coisa marcante pra mim foi quando a gente [silêncio]. Acho que foi a vez que eu mais chorei aqui dentro [engasgou com o princípio de choro]. Quando a gente foi pro nosso primeiro centro de treinamentos [...] E um belo dia a gente chegou, nós chegamos lá [no espaço que eles treinavam antes de alugarem o galpão para as suas atividades] e: ninguém troca de roupa! E aí, chegou um ônibus pra nos pegar, [...] que vão gravar um negócio com vocês, assim normal, não precisa de figurinos, nada. E tá. Entramos dentro do ônibus, e quando vê a gente passou [pelo local combinado]. Para onde é que esse cara tá indo? E aí, ele parou na frente do antigo centro de treinamentos, que não tava pintado por fora ainda, e abriu o portão assim. E tava aquele lugar assim, cheio de aparelho novo, né! Um monte de coisas que a gente tem hoje aqui [no atual CT]. E, na época, a gente não tinha nada, sabe? A gente tinha muito pouca coisa. E abriram o portão assim, e aí saiu aquele monte de crianças, aquele monte de gente, já tinha entrado um monte de gente no grupo, né. Foi todo mundo correndo,

e brincando naqueles brinquedos e eu fiquei parado assim. Fiquei parado em choque assim, encostado numa cama elástica. E eu olhava pra aquilo assim, e eu olhava para aquelas crianças que eram minhas alunas, e eu me lembro que eu pensava assim: meu Deus do Céu! Sabe? Tipo, a gente que proporcionou tudo isso, sabe? Foi o fato de a gente ter acreditado naquele primeiro espetáculo que está trazendo esse monte de gente aqui dentro. [...] A gente só acreditava nas coisas, mas a gente não tinha nada. Então, foi um dia feliz, digamos assim, um dos dias muito felizes (TIAGO, CLOWN, 29 ANOS).

As práticas emocionais possibilitaram um “retorno ao passado” ao reconstruir discursivamente a história da organização, legitimando as práticas organizacionais do circo. Esse resgate histórico ocorreu, pois, para que o circo estreasse seu primeiro espetáculo, o diretor artístico da organização teve que optar entre sanar dívidas ou comprar figurinos para a apresentação. A escolha do investimento nos materiais do espetáculo era considerada como uma atitude irracional do gestor naquela época, mas que foi legitimada pelos artistas para o desenvolvimento das atividades artísticas do circo (DIÁRIO DE CAMPO, 31 DE MAIO DE 2011). É possível observar que os efeitos das práticas emocionais não somente legitimaram a tomada de decisão dos artistas, bem como são utilizadas como recursos discursivos para compreensão de outras práticas organizacionais, a exemplo do deslocamento dos artistas até a nova sede.

Conforme discutem Álvares (2011) e Lutz e Abu-Lughod (1990), as emoções podem ser consideradas como práticas políticas, pois elas destacam as diferentes e os efeitos das relações de forças na sociedade que caracterizam a formação de um campo de disputas. No relato de Tiago, é possível considerar a luta pelo espaço no contexto da cidade que possibilitaria a constituição de uma estruturação física para as práticas circenses, bem como a luta pelo reconhecimento das atividades da organização em termos econômicos e organizacionais. As práticas emocionais que sustentam o cotidiano organizacional possibilitam a compreensão da organização macrossocial da sociedade, a exemplo da atuação do circo em políticas e programas educacionais na cidade, o que, de forma ampla, seria uma responsabilidade governamental. Ou seja, as práticas emocionais possibilitam discutir aspectos das dinâmicas micro e macrossociais da política de organização do circo no campo artístico e de sua relação com a cidade, o que, pelos relatos dos artistas circenses, apresentava como exemplo a dinâmica circense canadense.

A relevância de se compreender as práticas emocionais no processo organizacional dos circos canadenses pode ser destacada na forma como a pesquisadora foi recepcionada no circo em estudo. As análises deste processo contribuem tanto para o entendimento do desenvolvimento de pesquisas etnográficas em contextos transnacionais, bem como para os debates sobre as práticas emocionais na produção e reprodução de “lugares” no cotidiano das organizações. Para a construção destes debates, o seguinte relato sobre a primeira reunião da pesquisadora no escritório do circo canadense destaca como foram inicialmente estabelecidas as relações com o campo de pesquisa:

Ao chegar à recepção do escritório, Michel perguntou se eu gostaria de falar em inglês ou francês, visto o Canadá ser um país bilíngue. Eu solicitei o francês e

Michel me convidou para conhecer o escritório. Em todas as salas, quando ele me apresentava, as pessoas desejavam boas-vindas, manifestando preocupação em relação à adaptação de uma brasileira ao “clima frio” canadense. Na sala destinada à equipe de produção dos espetáculos, eu fui questionada se eu iria “trabalhar” com o circo, afinal, para “alguém se interessar em estudar circo no doutorado é porque tem paixão pela arte” (DIÁRIO DE CAMPO, 11 DE MARÇO DE 2013).

A representação dos brasileiros como um “povo alegre” fazia com que a recepção da pesquisadora fosse relativamente bem-aceita no campo em estudo, especialmente porque a América Latina é um mercado foco para as organizações artísticas canadenses. A predominância da representação do Brasil como um país de “clima caloroso”, tanto no sentido climático quando social, produzia um “estranhamento” da presença da pesquisadora naquele local que, por um lado, a distanciava em relação a eles, por delimitar nossos lugares, e, por outro, a “chamava à existência” (FOUCAULT, 2010; CERTEAU, 2008), por criar um laço de preocupação sobre como seria a adaptação às condições locais, entretanto, a partir de elementos discursivos (FOUCAULT, 2010) produzidos em relação ao Brasil. A dimensão política emocional (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990), articulada com as práticas cotidianas, espacializava os “lugares” de “origem” e materializava as relações de poder implícitas na dimensão macrossocial entre os “países frios” e os “países tropicais”, estes últimos considerados “calorosos”.

Durante a pesquisa, quando as conversas em campo se direcionavam para a nacionalidade da pesquisadora, era comum a associação do Brasil com a capoeira, causando, em alguns momentos, certos constrangimentos em relação ao conhecimento técnico desta manifestação cultural brasileira, pois a pesquisadora nunca havia realizado aulas desta arte, o que muitos dos sujeitos pesquisados já tinham feito. Também era comum quando a pesquisadora caminhava pelas ruas da cidade com os sujeitos artistas circenses e algum transeunte vestido com roupas coloridas ou sorridente passava ao lado, os artistas realizarem comentários a exemplo de: “olha, será que ele é brasileiro?” (DIÁRIO DE CAMPO, 4 DE JULHO DE 2013). Sobre essas discussões, Tidaffi (2006, p. 62-63) afirma:

É indiscutível que a mídia internacional apresenta o Brasil como o paraíso do sol, das belas praias, das mulheres quentes dos trópicos, do carnaval, do samba e de outros ritmos frenéticos que destacam o molejo sensual dos casais. [...] O mundo solar dos trópicos é associado à sensualidade (“Não existe pecado do lado de baixo do Equador”). [...] O calor abrasador dos trópicos constituiria, portanto, um elemento naturalizador de comportamentos sensuais, mais espontâneos e abertos.

As práticas emocionais são articuladas às práticas discursivas na reprodução do estereótipo do Brasil como sendo um “país caloroso”. O “calor” do brasileiro era considerado como sendo algo “simpático” aos olhos dos canadenses. Na primeira reunião da pesquisadora com o diretor geral do circo, ele afirmou que alguns de seus melhores amigos em Montreal eram brasileiros e conduziu-a até uma das janelas da sala de reunião do escritório do circo, solicitando que a mesma observasse a última janela do prédio ao lado do qual estavam. Disse

ele: “Lá, reside uma grande amiga minha, artista plástica, que veio de São Paulo. Observe as peças que tem na sala dela. Todas são muito bonitas. Um dia, quem sabe, a gente pode fazer uma reunião lá em casa e eu lhe apresento ela” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 DE MAIO DE 2013). A sua admiração pelo trabalho desenvolvido por uma brasileira poderia, talvez, ter pesado em sua decisão de aceitar a realização do estudo etnográfico com a organização para além das representações estereotipadas do país.

Deste modo, é possível compreender que as práticas emocionais destacam processos de constituição subjetiva dos sujeitos sociais que possuem uma dimensão material, expressa, no evento em análise, no próprio corpo da pesquisadora. Ademais, a “alegria” do povo brasileiro destacada pelos canadenses destacam jogos políticos macrossociais das relações internacionais, marcadas na produção de “representações” que demarcam o cotidiano de trabalho dos sujeitos imigrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de discutir a política emocional de constituição das organizações culturais, este artigo debateu as práticas organizacionais e emocionais da formação do campo do circo contemporâneo, circunscrevendo o estudo no contexto Brasil-Canadá. Com base em uma etnografia multissituada, foi possível compreender como as práticas emocionais são constituídas sócio-historicamente e, apesar de reproduzirem um contexto macrossocial, é no cotidiano de vida que elas sustentam os processos organizacionais.

A escolha do circo como campo de pesquisa possibilitou desconstruir o entendimento das emoções como dimensões exclusivamente individuais ou como objeto de controle gerencial ou psicológico, enfatizando o caráter social nos processos organizativos. Então, além de teoricamente, foi possível desenvolver o estudo em um campo no qual as emoções são naturalizadas como uma “característica” de trabalho do artista circense e, mais do que isso, de que os artistas são movidos pelas emoções e não pela racionalidade. Esta dicotomia, além de estigmatizar o trabalho artístico, o relega a um posicionamento submisso em relação às práticas de gestão no contexto de mercado.

No Brasil, foi possível observar que as práticas emocionais se constituíram como práticas de resistência no processo de constituição do circo brasileiro. Por isso, a “paixão” pela arte também se estabelece como mecanismo de contraposição à lógica econômica vigente, bem como forma de inserção social no contexto da cidade, por meio da escola de circo, de forma a produzir politicamente a atuação da organização em seu local de inserção social. A política emocional de organização do circo expressa tanto as relações de trabalho entre os artistas e a direção do circo, como destaca diferentes elementos de produção e ocupação do espaço da cidade.

No Canadá, o evento selecionado para as análises, evidenciou as práticas emocionais como forma de produção subjetiva da pesquisadora no trabalho de campo, destacando como aspectos macrossociais de constituição da sociedade influenciam o cotidiano de trabalho dos sujeitos sociais. Deste modo, as práticas emocionais enfatizaram relações de poder que,

como afirma Álvarez (2011), se constituem também como experiência encarnada.

Sendo assim, postulamos que as emoções podem ser consideradas como práticas políticas, pois, enquanto construção sociocultural, produzem e reproduzem relações de poder na sociedade. Ao serem entrelaçadas às outras práticas no cotidiano de trabalho, as práticas emocionais configuram a política emocional do “organizar”. Com efeito, a proposta teórica apresentada neste artigo possibilita desconstruir o entendimento da atuação dos artistas como enfaticamente emocional, bem como dos profissionais vinculados às organizações culturais como essencialmente um “trabalho emocional” em oposição às dimensões das racionalidades presentes em outros contextos de trabalho.

Outro desdobramento teórico deste estudo que consideramos relevante é repensar a constituição dos sujeitos nas organizações para além da dualidade razão/emoção. Ao considerarmos as emoções como produções socioculturais, destacamos que a constituição dos sujeitos é um processo que implica uma dinâmica emocional que deve ser considerada não somente em termos de suas manifestações inconscientes ou passíveis de controle gerencial, mas destacar os efeitos políticos das práticas emocionais na produção subjetiva e objetiva dos sujeitos. Com efeito, é possível compreender como as relações sociais se constituem com base em uma política emocional, bem como compreender como as relações afetivas, de amizade ou amorosas, por exemplo, influenciam os processos organizativos.

As práticas emocionais também reproduzir mecanismos de clivagens sociais, produzindo o espaço do “eu” e do “outro”. Neste sentido, é possível enfatizar que as políticas emocionais possibilitam compreender as produções dos espaços sociais, lugares e territórios, sendo estes estudos ainda incipientes nos Estudos Organizacionais, conforme discute Reckwitz (2012). Com efeito, é possível a constituição de uma linha de pesquisas nos EBP que destaque as práticas emocionais como unidade de análise dos processos organizativos, bem como, na área de estudos sobre as emoções, enfatizar a dimensão política-emocional.

O desenvolvimento desta proposta teórica em outras organizações culturais pode destacar outros conjuntos de práticas emocionais e cotidianas que configuram as políticas emocionais destas organizações. Um possível caminho teórico a ser desenvolvido a partir das proposições teóricas apresentadas neste estudo é compreender as relações entre as políticas emocionais e a produção da materialidade nas organizações. Um exemplo é em relação ao corpo ou às biopolíticas/biossocialidades, sobre as quais, apesar de serem um fenômeno já estudado em termos discursivos ou de práticas sociais, ainda não se estabeleceu um debate em relação às práticas emocionais.

Outra contribuição que apresentamos neste artigo para as análises das organizações culturais é em termos metodológicos. Ao colocarmos a etnografia “em movimento”, por meio do que Marcus (1999) denominou de etnografia multissituada, é possível compreender a produção e os efeitos dos deslocamentos territoriais das organizações culturais, destacando as mobilidades socioespaciais características destes processos organizativos. É importante destacar que a etnografia é um dos principais métodos de pesquisa, possibilitando compreender as práticas emocionais no cotidiano das organizações, especialmente por meio da pesquisa de campo realizada com base em observações participantes.

A “convivência intensiva”, as “descrições densas” dos relatos do cotidiano organizacional “em movimento”, produzidos pelo pesquisador e pelos outros sujeitos participantes da pesquisa, destacam as relações de poder do “organizar”, possibilitando enfatizar os jogos políticos da dinâmica emocional neste contexto. Nesse sentido, além das observações participantes, o uso de entrevistas de história de vida pode se configurar como importante técnica de coleta de dados, visto a possibilidade de reconstrução histórica das organizações e como as emoções influenciam esse processo.

Deste modo, as discussões propostas neste artigo não se encerram aqui. Esperamos que futuros estudos possam ser desenvolvidos em outras organizações culturais de forma a aprofundar os caminhos teóricos e metodológicos propostos, avançando nas articulações de debates entre o campo das Artes e da Administração.

NOTA

1 Submetido à RIGS em: nov. 2014. Aceito para publicação em: mar. 2015.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. I. F. Além da racionalidade: o estudo das emoções como práticas políticas. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 41-68, 2011.

ALVESSON, M. A.; BILLING, Y. D. *Understanding gender and organizations*. London: Sage, 1997.

AMABILE, T. M.; BARSADE, S. G.; MUELLER, J. S.; STAW, B. M. Affect and creativity at work. *Administrative Science Quarterly*, v. 50, p. 367-403, 2005.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

COELHO, M. C. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. *Maná*, v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010.

COOKE, J.; LAIDLAW, J.; MAIR, J. What if There is No Elephant? Towards a Conception of an Un-sited Field. In: FALZON, M. A. *Multi-Sited Ethnography: Theory, Praxis, and Locality in Contemporary Social Research*. London: Ashgate, 2009. p. 47-72.

CZARNIAWSKA, B. Organizations as obstacles to organizing. *Organization and organizing: materiality, agency and discourse*. New York: Routledge, 2013. p. 3-22.

ESSERS, C. Reflections on the Narrative Approach: Dilemmas of Power, Emotions and Social Location While Constructing Life-Stories. *Organization*, v. 6, n. 2, p. 163-181, 2009.

- FAGOT, S. **Le cirque: entre culture du corps et culture du risque**. Paris: Harmattan, 2010.
- FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.
- FINEMAN, S. **Emotion in Organizations**. London: Sage, 2000.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 296-342.
- GARCIA, M. C. **Artists de cirque contemporain**. Paris: La Dispute, 2011.
- LIU, F.; MAITLIS, S. Emotional dynamics and strategizing processes: a study of strategic conversations in top team meetings. **Journal of Management Studies**, v. 51, n. 2, p. 202-234, 2013.
- LUTZ, C. ; ABU-LUGHOD, L. **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annu. Rev. Anthropol**, v. 24, p. 95-117, 1995.
- _____. What is at stake — and is not — in the idea and practice of multi-sited ethnography. **Canberra Anthropology**, v. 22, n. 2, p. 6-14, 1999.
- MUMBY, D. K.; PUTNAM, L. L. The politics of emotion: a feminist reading of bounded rationality. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, p. 465-486, 1992.
- OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. As Tramas Políticas Emocionais na Gênese de Processos Organizacionais em uma Organização Circense. **Organizações & Sociedade**, v. 22, p. 61-77, 2015.
- PARKER, M. Organizing the circus: the engineering of miracles. **Organization Studies**, v. 32, n. 4, p.555-569, 2011.
- RECKWITZ, A. Affective spaces: a praxeological outlook. **Rethinking History**, v. 16, n. 2, p. 241-258, 2012.
- SCHATZKI, T. R. A new societist social ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.
- _____. On Organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.
- _____. **Social practice: a wittgensteinian approach to human activity and the social**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _____. The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-84, 2005.

SCHEER, M. Are Emotions a Kind of Practice (and Is That What Makes Them Have a History)? A Bourdieuan Approach to Understanding Emotion. **History and Theory**, v. 51, n. 2, p. 193-220, 2012.

SIEBEN, B.; WETTERGREN, A. **Emotionalizing Organizations and Organizing Emotions**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

TIDAFFI, M. R. V. Exotismo e cordialidade na representação do brasileiro em terras distantes. **Impulso**, v. 17, n. 43, p. 59-71, 2006.

**Josiane Silva
Oliveira**

Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta no departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás.